

PARADOXOS

Arthur Almeida Diniz*

Sumário: 1. Os sentidos do termo paradoxo; 2. O paradoxo das ideologias; 3. As perplexidades contemporâneas e a necessidade de mudanças; 4. Mudança nos fundamentos do Direito Internacional Público; 5. O direito de ser homem; 6. Referências bibliográficas; 7. Notas; 8. Abstract.

1. OS SENTIDOS DO TERMO PARADOXO

Lemos, em André Lalande (1993): "Paradoxo: o que é contrário à opinião geralmente admitida, à previsão ou à verossimilhança."

O adjetivo Paradoxos já é comum em grego, tanto no sentido elogioso como no pejorativo. A expressão "os paradoxos estóicos" é aplicada, desde Plutarco, às teses morais absolutistas do Estoicismo, tais como: o sábio é infalível, não está sujeito a nenhuma perturbação e ele é perfeitamente feliz, quaisquer que sejam as circunstâncias; apenas ele é livre, rico, bom rei, bom artesão; a sabedoria não tem graus, tudo o que não é perfeito é vicioso, etc..

Também, o Aurélio registra o termo paradoxo:

"Conceito que é ou parece contrário ao comum; contra-senso, absurdo, disparate. 2. Contradição, pelo menos na aparência. 3. Filos. afirmação que vai de encontro a sistemas ou pressupostos que se impuseram, como incontestáveis ao pensamento. Paradoxo socrático. filos.

* Prof. Titular de Direito Internacional Público da Universidade Federal de Minas Gerais

A Tese socrática que afirma: 'Ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude são inseparáveis.'"

Aporia – Filos. Dificuldade, de ordem racional, que parece decorrer exclusivamente de um raciocínio ou do conteúdo dele. Hist. Filos. Conflito entre opiniões, contrárias e igualmente concludentes, em resposta a uma mesma questão. Ret. Figura pela qual o orador finge hesitar, ter dúvida, na escolha de uma expressão, de um rumo para o discurso.

Aporias de Zenão de Eléia em que, pela primeira vez na História, se emprega o raciocínio por absurdo. v. Eleatismo

Eleatismo – Doutrina dos filósofos pré-socráticos da escola de Eléia, ou escola eleática, fundada por Xenófanes de Cólofon, filósofo grego do sec. VI a.C. e cujo representante principal, Parmênides de Eléia (século V a.C.), defendeu a tese da unidade e imobilidade absolutas do ser, tese reafirmada por seu discípulo Zenão de Eléia. Uma das mais conhecidas aporias de Zenão – o argumento da dicotomia é o seguinte: um móvel, para ir de A a B, deve percorrer metade do espaço Intermédio, mas antes de chegar ao ponto médio terá de vencer a metade da distância que o separa do ponto inicial e assim por diante. Ao argumento, responde Aristóteles declarando a verdadeira natureza da extensão e do tempo.

Finalmente, para não enfadar o leitor, está consignado no dicionário Abbagnano:

"O que é contrário à 'opinião dos demais', isto é, ao sistema de crenças comuns a que nos referimos; ou então, contrário a princípios que se retêm bem estabelecidos ou a proposições científicas. A redução de um discurso a uma opinião paradoxal é considerada, por Aristóteles, nos Elencos Sofísticos (cap. 12), como o segundo entre os fins que se propõe a Sofística (sendo o primeiro a confutação, isto é, o provar a falsidade da asserção do adversário).

Foram chamados, às vezes, Paradoxos, as contradições que nascem do uso do procedimento reflexivo, e que,

mais comumente, se chamam antinomias.

Antinomias:

Com esse termo ou com o de paradoxo são chamadas as contradições que propicia o uso da noção absoluta de todos na matemática e na lógica.

As Antinomias, nesse sentido, não eram desconhecidas pela antigüidade porque fizeram parte daqueles raciocínios insolúveis ou conversíveis de que se compraziam Megáricos e Estóicos e que foram, às vezes, também, chamados dilemas. Tais raciocínios são tratados na escolástica tardia nas coleções de Insolubilia ou de Obligatoria; o mais famoso é o do mentiroso que já Cícero recordava: 'Se tu dizes que mentes, ou dizes a verdade e então mentes ou dizes mentira e então dizes a verdade'(Acad. IV, 29, 96). Esse paradoxo era discutido no sec. XIV por Ockham (Summa Log. III, III, 38)."

No sentido religioso, chamou-se Paradoxo a afirmação dos direitos da fé e da verdade do seu conteúdo em contraste com as exigências da razão. Paradoxo é, por ex., a transcendência absoluta e a inefabilidade de Deus afirmada pela teologia negativa; Paradoxo é o *credo quia absurdum* de Tertuliano. Paradoxo é a inteira fé segundo Kierkegaard, porque todas as categorias do pensamento religioso são impensáveis e a fé, não obstante, crê tudo e assume todos os riscos. Kierkegaard viu, no paradoxo, a própria relação entre o homem e Deus: "O Paradoxo não é uma concessão, mas uma categoria: uma determinação ontológica que exprime a relação entre um espírito existente e apto a conhecer, e a verdade eterna." (Diário, VII, A 11)

Sofremos pletora de informações. A Fundação Humboldt, em Heidelberg, publica, semanalmente, dois grossos volumes registrando as publicações recentes no domínio do Direito Internacional. Jornais, periódicos e tablóides, aos milhões, noticiam tudo. Relatam muito pouco! Temos acesso a bem mais de 200 canais de televisão. Transmissões são permanentes.

Deveríamos estar bem informados sobre os acontecimentos. Entretanto, um paradoxo: durante a guerra do Iraque, em 1991, nenhum telespectador do planeta viu uma gota de sangue sendo derramada. Foram sacrificadas cento e oitenta mil vidas.

Posteriormente as fotos mostrando as cenas horrendas do massacre foram pouco divulgadas. O sistema internacional tornou-se o mais instável de todos os sistemas políticos. Infinitas unidades o integram, em evolução permanente. Vivemos uma "pré-história" científico-tecnológica. A História, verdadeiramente civilizada, ainda não começou.

2. O PARADOXO DAS IDEOLOGIAS

Jacques Maritain, como Benedetto Croce, durante as reuniões consultativas para a redação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, promovidas pela UNESCO, comentaram a surpresa de muitos ao ver certos defensores de ideologias violentamente opostas estarem de acordo na redação de uma lista de direitos: – "Mas é claro, responderam, estamos de pleno acordo sobre a enumeração dos direitos, *mas não nos perguntem porque!*" Saul Alinsky, em capítulo dedicado à idéia de crise, descreve os chineses, ao grafarem o vocábulo "crise", utilizando-se de dois ideogramas. Um significa "risco" e o outro "oportunidade". Juntos compõem o ideograma "crise".

Pela primeira vez na história da humanidade, convivemos com a possibilidade de destruição do planeta que nos abriga. Nosso inconsciente coletivo sempre se ancorou na idéia de uma natureza indestrutível, inesgotável. Entretanto, o Relatório do Programa das Nações Unidas para o meio ambiente, há anos, relatava o massacre ambiental. Diariamente 300 espécies de animais são extintas em todo o mundo. Os oceanos recebem todos os dias 300 milhões de toneladas de esgoto, 11 milhões de toneladas de lixo industrial, 2,5 milhões de toneladas de petróleo, 6,5 milhões de toneladas de lixo doméstico, 3,2 milhões de toneladas de óleo. Desse material, 70% leva 50 anos para ser digerido pelos oceanos.

Paradoxalmente, se vivemos um presente sombrio, estamos, também, vivenciando potencialidades jamais suspeitadas. Encontramo-nos no limiar de um universo já intuído pelos místicos e pelos poetas. Oportunidades de conhecimento, de aperfeiçoamento, novas pesquisas, progressos da tecnologia no rumo do infinitamente pequeno, a simplificação inaudita da existência prática constituem sinais positivos. Estamos vivendo tempos críticos, mas criativos. Estruturas milenares ruíram, como muitos esquemas mentais. Ficam

os sonhos. Como pertencem à nossa riqueza interior, permanecerão. Somos desafiados por correntes de pensamento cuja profundidade ultrapassa nosso entendimento racional e os trâmites do senso comum. O fluxo e o refluxo dos acontecimentos históricos, *corsi e ricorsi*, nos perturbam.

Os movimentos religiosos que criamos adormecidos ou já extintos, por força do fascínio do materialismo científico, pela ilusão do desenvolvimento econômico, surgem estuantes. A audácia de seus fanáticos é tanto mais temível quanto estes encaram a morte como recompensa. A negligência da "civilização industrial", crendo que o mundo das mercadorias acalmaria a revolta das massas despossuídas, transformou-se em temor latente, inconfesso, das nações industrializadas, das antigas metrópoles, temendo serem transformadas em necrópoles pelo terrorismo nuclear. Séculos de atividades predatórias desencadearam uma revolta global. Revolta difusa, inconsciente, brotando das camadas profundas do ser humano, ameaçado de destruição, *Vernichtung*, terrível vocábulo alemão significando a eliminação física, aniquilamento. É a palavra-chave da ideologia nazista, utilizada amplamente pelas ditaduras atuais: significa a eliminação física dos oponentes do regime. À raiz da palavra alemã *vernichten* está a idéia de nada, *nichts*. Hannah ARENDT aprofunda este problema moderno: "A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. (ARENDR, 1972:24)

A sociedade "secular", profana, hedonista, materialista, é levada ao que Pascal denominou de "diversão". Atividade frenética que tem a função de anestésiar nossa angústia. Raízes da presente sociedade do espetáculo. Numa insaciável dependência, vê esta sociedade aumentar cada vez mais a necessidade e a exigência de satisfação dada por reivindicações injustas, más ou mesmo criminosas. Daí o desenvolvimento de empresas economicamente inúteis, existindo para o lucro e não para a produção real, criando necessidades para preenchê-las com produtos baratos de rápida saída e desgaste veloz. A praga das bolsas de valores, o cinismo em designar por "crise das bolsas", é exemplo flagrante dessa cultura do vazio, da atividade do

nada. Nosso mundo, comentava Thomas Merton, em suas magníficas palestras, chegou ao cúmulo do ridículo: para se divertir, aposta até mesmo na sua própria explosão. Para esse grande teólogo norte-americano, a Idade Atômica é o ponto mais avançado a que chegou o secularismo. E a fonte do secularismo é o esquecimento de Deus. Nosso propósito deverá ser o de partilhar com a comunidade científica, universitária, com o leitor anônimo, mas faminto de roteiros seguros, neste labirinto de opções, de comungar o pão da alegria gerada pelo estudo, pelo conhecimento, pela pesquisa, por uma imensa humildade e absoluta confiança nas Leis Cósmicas, presentes no pulsar de nosso coração, em nosso sono e em nossos sonhos. Leis inderrogáveis porque ancoradas no Amor Eterno. Santo Thomás de Aquino situa o homem entre o anjo e a besta.

Atinge um pela culminância do intelecto. Tange a outra pela caducidade do corpo. O doutor angélico nos acrescenta ser, a alma, a fronteira, como se fora a linha de horizonte onde se reúnem o mundo dos puros espíritos e o dos animais privados de razão. Temos de resgatar nossa dignidade, onde se encontra impressa a misteriosa marca da Trindade.

Meditemos no paradoxo: eis que fomos conduzidos, pela lógica superior do Progresso que reside em nós, a reunir peças exageradamente grandes para o uso a que nos propúnhamos fazer no plano individualista... A Idade das Nações passou. Trata-se agora, para nós, se não quisermos perecer, de sacudir os antigos preconceitos e de **construir a Terra**. Abençoa-nos, um grande místico brasileiro, com estas palavras benditas: "Creiam. Quanto mais amplo o bem que fizermos aos outros, maiores bens receberemos de Deus. Quanto mais esquecermos as faltas alheias, mais altamente seremos tolerados em nossos defeitos. Leis sublimes!" **Ninguém na terra precisa suspirar por influência e poder**. O poder e a influência, por determinação divina, nascem do amor que a pessoa distribuir. Poderá sempre mais quem mais ame.

Influenciará mais quem mais se curve à influência de Deus, às suas leis.

3. AS PERPLEXIDADES CONTEMPORÂNEAS E A NECESSIDADE DE MUDANÇAS

Erik Hobsbawn, ao terminar seu livro precioso *Era dos Extremos*, escreve:

"Sabemos que, por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da incerteza de resultados detalhados, as forças históricas que moldaram o século continuam a operar. Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor, que ele não pode prosseguir *ad infinitum*. O futuro não pode ser uma continuação do passado e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica.

As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana. As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista, estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano.

Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar." (HOBSBAWN, [s.d.]:562)

Paradoxos: as perplexidades contemporâneas e a necessidade de mudança. Embora os acontecimentos presentes possuam a característica indefinível do *déjà-vu*, somos estimulados, paradoxalmente, pelo aspecto inédito de nosso cotidiano. Simplesmente, ignoramos os rumos que tomarão nossos destinos. Intuímos que estamos encerrando um ciclo histórico. Mudanças estruturais no equilíbrio do poder, as descobertas científicas, a revolução tecnológica alteraram uma estrutura tradicional. Convivemos com a possibilidade da destruição do planeta que nos

abriga. Nosso inconsciente coletivo, nossas projeções sempre se ancoraram na idéia de uma natureza indestrutível, inesgotável. A ameaça do aniquilamento nos deixou ao relento. Pela primeira vez, desde a aparição do ser humano no planeta, paira o terror do "despejo compulsório".

O século de **Hiroshima** e **Nagasaki** constitui-se como o grande paradoxo do século XX – **Hiroshima** e **Nagasaki** são o símbolo do futuro no passado.

O século dos massacres, nosso século XX, a poucos meses de acabar, a poucos meses de entrarmos em novo milênio!

A ferocidade das guerras e a genialidade dos cientistas marcaram encontro às oito horas da manhã do dia 6 de agosto de 1945.

É preciso descobrir, por detrás das crises atuais, dos crimes e das guerras, um novo sentido para o futuro, já presente no dia-a-dia, em sua riqueza e profundidade ignoradas. O grande obstáculo são as camadas do conhecimento excessivamente conceitual e teórico.

ORTEGA Y GASSET nos faz compreender o que a Esfinge realmente dizia: "o que vê em mim não é meu ser verdadeiro. Estou aqui para adverti-lo de que não sou minha realidade efetiva. Minha realidade, meu sentido está por trás, oculto por mim." (ORTEGA Y GASSET, 1982:18)

Se vivemos um presente sombrio, estamos, também, vivenciando potencialidades jamais suspeitadas. Estamos no limiar de um universo intuído pelos místicos e pelos poetas. As oportunidades de conhecimento, de aperfeiçoamento, as novas pesquisas, os progressos da tecnologia no rumo do infinitamente pequeno, a simplificação inaudita da existência prática constituem sinais positivos. Escreve um teólogo contemporâneo:

"Vivemos tempos críticos. Por isso criativos. Nos últimos cinco anos mudou a cartografia política e ideológica mundial. Estruturas ruíram e com elas muitos esquemas mentais. Ficaram os sonhos. Como pertencem à substância do ser humano, eles sempre ficam. Permitem novas visões e fornecem o entusiasmo necessário para o pensamento e a criatividade." (BOFF, 1993:9)

4. MUDANÇA NOS FUNDAMENTOS DO DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO

Nosso objetivo resume-se em uma tentativa de explicar as causas da necessidade de uma mudança nos fundamentos do Direito Internacional Público em virtude do esgotamento de uma visão materialista, comprometida com a degradação da noção de pessoa humana.

Vivemos em um Universo inesperado. As oportunidades de aperfeiçoamento, os progressos incessantes da informática, da navegação interplanetária constituem indícios promissores. Questionaremos o que se convencionou denominar "civilização ocidental".

Os grandes movimentos políticos atuais, tão complexos e tantas vezes aparentemente sem sentido, constituem o cenário das manobras de uma guerra espiritual por demais vasta para poder ser compreendida pelos homens. Thomas MERTON captou os desafios atuais ao escrever: "sociedade secular" levada ao que Pascal denomina "diversão", isto é, à atividade que tem, antes de tudo, a função anestésica de acalmar nossa angústia... Numa insaciável dependência, vê aumentar, cada vez mais, a necessidade e a exigência de satisfação dada por reivindicações injustas, más ou mesmo criminosas. Daí as guerras que surgem quando os produtores entram em competição para obter mercados e fontes de matérias primas...

As certezas políticas e científicas tradicionais se esboroaram. O estudo do Direito Internacional Público, Relações Internacionais e Ciência Política deve ser orientado para um aprofundamento da nova realidade. O trabalho será comum, pois todas as consciências partilham do mesmo esforço: decifrar o sentido dos movimentos de nossos dias. O roteiro surgirá das questões que tenham por base a condição humana sob o enfoque de sua transcendência e de sua perfectibilidade. Impulso vital presente em todos os momentos da história da humanidade. Transcendência vai significar a certeza de realidades que superam o cotidiano vivido.¹ Trata-se de refletir sobre as raízes da esperança.

Somos desafiados por correntes de pensamento cuja profundidade ultrapassa nosso entendimento tradicional e os trâmites do senso comum. O fluxo e o refluxo dos acontecimentos históricos, "*corsi i ricorsi*", nos perturbam. Os movimentos religiosos que criamos

adormecidos ou já extintos, por força do fascínio do materialismo científico, pela ilusão do desenvolvimento econômico, surgem estuantes. O Islamismo e os nacionalismos radicais constituem hoje uma incógnita. A audácia de seus fanáticos é tanto mais temível quanto estes encaram a morte como recompensa.

Desde a Renascença, surge uma tecnologia europeia mais avançada em relação aos povos dos outros continentes.² O Cristianismo, pouco antes da Reforma, já se desviara de suas fontes vivas – da vivência da experiência pessoal e inefável da transcendência – aliando-se ao poder do Estado. Este ainda confundido com a figura dos monarcas enleados na miragem da *auri sacra fames* – da sede execrável do ouro.

Estamos tentando compreender as conseqüências do ciclo histórico que se iniciou na era das grandes navegações. Seus efeitos fazem-se sentir até hoje. A geopolítica atual é fruto da expansão europeia a partir do século XV.

Um astrofísico vietnamita, Trinh Xuan Thuan, lecionando nos Estados Unidos, em reflexões sobre a criação – *A melodia secreta e o homem criou o universo* – nos reforça racionalmente a profunda confiança no plano da Criação, no Aqui e Agora, frutos da Lei natural, da *Physis*, já conhecida dos gregos, já presente em Sófocles, no drama de Antígone, as “leis não escritas”. Pois falar, como falamos hoje da criação do universo, as fotografias deslumbrantes enviadas pelo telescópio Hubble, no esforço fascinante de surpreender os primeiros momentos do Big Bang, evidenciam-nos dois aspectos.

O primeiro deles é o fato da ciência moderna ter demolido todos os argumentos clássicos concernentes à existência de Deus. Tenta-se, pueril e orgulhosamente descrever as entranhas de criação. Descobrir o mecanismo secreto. Entretanto, é exatamente o cientista, o físico, e não o teólogo ou o filósofo, que vai nos resgatar a Presença Inefável do Criador: o universo foi minuciosamente regulado para permitir nossa existência! Houvesse a menor discrepância entre as leis da física, da química, não estaríamos aqui para discutir estas questões velhas como a presença do homem sobre a Terra. O que nos faz recordar com veneração a obra maravilhosa dos Filósofos Pré-Socráticos hoje, mais do que nunca, leitura obrigatória para desvendarmos um universo inesperado, já intuído pelos velhos mestres há 2.500 anos!

"Deux mille cinq cents ans! C'est le temps que la lumière de la dentelle du Cygne met à nous parvenir, éclat tombé du ciel. Elle nous atteint aujourd'hui, alors qu'elle fut émise au moment où Thalès, à Milet, prédisait pour la première fois une éclipse du Soleil. De cette rencontre qui donne à rêver jaillissent des étincelles qui sont le feu de la raison. Car de la voûte céleste autrefois pavée de pierres embrasées est aussi tombé, à Aegos Potamos, en l'an 469 avant J. -C. , un météore dont on dit qu'Anaxagore avait annoncé à l'avance la chute, par un moyen dont le secret est aujourd'hui perdu: à l'époque de Pline l'Ancien, près de six siècles après, on venait encore de loin contempler cette curiosité astronomique. Il en est ainsi de ces fragments. Un tas de pierres. Des moellons célestes disjoints. Des cailloux épars, vestiges irremplaçables d'un édifice que des négligences accumulées ont laissé se disloquer. Aujourd'hui, l'érudition doit se faire pieuse, pour réparer le manque de soin des grands lettrés."

Por uma coincidência feliz, os jornais hoje noticiaram a descoberta de outro sistema solar pelos astrônomos. Pela primeira vez na história da exploração espacial, pesquisadores dos EUA descobriram a existência de um sistema planetário semelhante ao Sistema Solar. A descoberta sugere que a Via Láctea, nossa galáxia, que tem cerca de 200 bilhões de estrelas, pode abrigar milhões de planetas como a Terra. Poeticamente o astrônomo Trinh Xuan Thuan descreve as galáxias, por maiores que sejam, como minúsculos castelos de areia numa praia cósmica!

Felizmente, na ciência, não existe a verdade absoluta. Santo Tomás já nos dizia, há setecentos anos pacientemente que *a Veritas est proportio* – a Verdade é uma proporção.

5. O DIREITO DE SER HOMEM

Para comemorar o vigésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou uma coletânea de textos provindos das mais diversas épocas e de culturas as mais diferentes para ilustrarem a universalidade no

tempo e no espaço da afirmação e da reivindicação do *direito de ser um homem*.

Curiosamente a mola mestra deste trabalho significativo repousa no "acaso". Não se partiu de um plano pré-estabelecido. Foi uma obra coletiva, sob a direção de Jeanne Hersch, onde os diversos membros da UNESCO enviaram, de seus respectivos países, textos mais significativos ligados ao tema em questão. Aproveitamos muito deste belo trabalho para ilustrar a preocupação de ontem e de hoje com a liberdade e a solidariedade. Paradoxalmente nunca assistimos a tanta crueldade e total falta de solidariedade. Entre as Nações e **dentro** das Nações.

É um longo caminho.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIROCH, Paul. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- HOBSBAWN, Erik. *Era dos extremos*. [s.l.]: [s.n.], [s.d.].
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ORTEGA Y GASSET. *En torno a Galileo*. Madrid: Revista de Occidente, 1982.

7. NOTAS

1. O conceito de transcendência é complexo. Vamos nos utilizar do "permanente", isto é, da idéia presente em todas as religiões e em toda sua história, da continuação da vida após a destruição do corpo físico do homem.
2. "A Europa dos anos 1490-1510 é a do Renascimento... É uma Europa que não somente reencontrou uma grande parte da herança grega e romana, mas que também assimilou e por vezes aperfeiçoou certos elementos das civilizações asiáticas, graças aos seus contactos como Médio Oriente

árabe. É evidente que se trata ainda de uma Europa de sociedades tradicionais, mas que dispõem de uma gama tecnológica bastante vasta: imprensa, papel, armas de fogo, bússola, etc... É, também, uma Europa virada para o oceano Atlântico em virtude do bloqueio imposto pelo poder otomano que controla a tradicional rota das especiarias do Oriente." (BAIROCH, 1986:306-307)

8. ABSTRACT

Professor on Public International Law, the author makes a profound meditation on the evolution of the human society and the historical elaboration of what is conventioned to be called its "culture". Observing the flux and reflux of the manner men and its society think and procedure, he plunges into what he calls its great "paradox". Therefore, glimpses at how everything changes and will change. Coming to the Renaissance, points the difference between the most advanced technology and the stage in which the other continents are. He indicates the deviations present in Christianity towards the State's power when he mentions the *auri sacra fames* and takes nowadays' geopolitics as a result of the European expansionism at the XV century. Ascribes scientist's dissatisfaction facing the restless acceptation of God to the fact that it is not an issue to be discussed by theologians and philosophers, not by physicists, nevertheless, calms down for his tomist conviction that science does not translate the absolute truth. He finishes commenting the Collection, published by UNESCO, celebrating the twentieth anniversary of the Universal Declaration of Human Rights, to assert, with the consecrated and prestigious position of Professor on Public International Law, facing the unanimous concerns of worldwide known authorities towards solidarity and liberty, that, in fact, what can be noticed is the cruelty and lack of solidarity among and inside Nations.